

# Fronteiras e Identidades Étnicas na Epístola aos Romanos

Frontiers and Ethnic Identities in  
Epistle to the Romans

Fronteras y Identidades Etnicas en  
la Epístola a los Romanos

Douglas Castro Carneiro<sup>1</sup>

**Resumo:** Paulo de Tarso nasceu, viveu e morreu como judeu piedoso, em um ambiente cercado pelo Mar Mediterrâneo, onde as culturas helenísticas e romanas estavam interligadas. Nosso artigo tem como objetivo analisar as construções de identidades étnicas na epístola aos Romanos, sob o governo de Nero (54 d.C.- 68 d.C.), epístola dirigida a grupos de leitores ouvintes de múltiplas identidades. As raízes dos movimentos cristãos surgiram no seio dos judaísmos, tendo como base diferentes grupos de missionários e pregadores que os criaram, a partir de convicções de um homem que supostamente ressuscitou ao terceiro dia, Jesus Cristo. Partindo dessas premissas, procuramos, por meio das fontes textuais relacionadas à obra de Paulo, entender de que forma a questão das fronteiras e identidades transparecem em seus escritos.

**Palavras Chaves:** Paulo de Tarso; cristãos; identidades; império romano; epístola aos romanos.

**Abstract:** Paul of Tarsus was born, and died as pious Jew, along the Mediterranean Sea, where Hellenistic and Roman culture were connected. Our article has the aim to analyze the multidentitarism to the Roman Epistle under the Nero governance (54 A.D.-68 A.D) to o approach readers-listeners with a multitude of identity. The roots of the Christian movements were raised in the ore of Judaism based on different groups of missionaries and preachers who were convinced that one man resurrected on the third day, Jesus Christ. Therefore, this study investigates, through texts written by Paul, how frontiers and identity are constructed and expressed.

**Keywords:** Paul of Tarsus; christians; identities; roman empire; epistle to the romans.

## INTRODUÇÃO

Paulo de Tarso nasceu, viveu e morreu como um judeu piedoso, em um ambiente cercado pelo Mar Mediterrâneo, onde as culturas helenísticas e romanas estavam interligadas. Nosso artigo tem como objetivo analisar as construções de identidades étnicas na epístola aos Romanos sob o governo de Nero (54 d.C.-68 d.C.), epístola dirigida a grupos de leitores ouvintes de múltiplas identidades. Nosso propósito não é apresentar um trabalho de cunho teológico, apesar de dialogarmos com diversos autores desse campo. Nas primeiras décadas do Principado Romano, surgiu uma nova seita judaica que se propagou rapidamente, ainda que não de uma forma multitudinária, pelas cidades do Oriente. Não chamou muita atenção em meio a uma mescla de “cultos orientais” que imigrantes e mercadores difundiam por toda parte (Meeks, 1992, p. 40). Carregados ao longo de rotas comerciais, sistemas antigos de crenças que eram transplantados para a Itália e outras terras desde a “Judeia ou o Nilo eram modificados por seu próprio contato com a cultura helenística do Mediterrâneo Oriental” (Abulafia, 2014). As raízes dos movimentos cristãos surgiram no seio dos judaísmos, tendo como base diferentes grupos de missionários e pregadores que os criaram, a partir de convicções de um homem que supostamente ressuscitou ao terceiro dia, Jesus Cristo. Partindo dessas premissas, procuramos, por meio das fontes textuais relacionadas à obra de Paulo, entender de que forma a questão das fronteiras e identidades transparecem em seus escritos. O movimento atribuído a Jesus foi aberto aos marginalizados, incluindo judeus helenizados e “Tementes a Deus”. “Muitas vezes esses não atendiam aos princípios judaicos, de pureza ritual, ele era ainda um grupo religioso, formado majoritariamente por judeus que tinham como objetivo a renovação de Israel” (Nogueira, 2019, p. 47). Após a morte de Jesus de Nazaré por parte da aristocracia judaica (como revoltoso) e crucificado pelo estado romano, ele deixa de ser um movimento constituído por indivíduos iletrados que viviam às margens da sociedade inclusive em vilas e aldeias da região da Galileia abrindo-se para cada vez mais para gente de diferentes posições sociais, étnicas e culturais. Tornou-se um grupo de homens e mulheres que viviam em cidades às margens ao leste do Mar Mediterrâneo, em sua maioria de fala grega.

Um dos principais expositores desse movimento foi Paulo de Tarso. Sendo assim, considerando o alto índice de analfabetismo no mundo antigo, precisamos considerar que boa parte da população não teria acesso à leitura ou mesmo à escrita.

A escrita fora usada em todos os contextos para estabelecer o poder nas sociedades. “Os tipos de poder estabelecidos variavam muito de impérios a grupos unidos, por um conjunto comum de textos, fossem esses textos gregos e latinos, ou mesmo as Sagradas Escrituras” (Bowman; Woolf, 1998, p. 7). Da mesma forma, como os judeus, em suas sinagogas, os primeiros cristãos deram uma guinada no lugar ocupado pela cultura escrita nas sociedades antigas, eles se reuniam para ler, ouvir e discutir os textos sagrados (Fox, 1998, p. 115). Os documentos cristãos mais antigos conservados diretamente são as cartas do apóstolo Paulo, que foram escritas por volta da década de 50 d.C. Tratam-se de instrumentos políticos para as ἐκκλησία, ademais dos meios organizativos e propagandistas próprios da esfera de comunicação oral, “porque tornavam-se necessários para a organização de um amplo círculo geográfico das comunidades” (Koester, 2005, p. 496). Estas epístolas eram documentos de circunstâncias para responder às inquietações concretas e momentâneas de tais comunidades. Poucas figuras da História estavam no centro da controvérsia como Paulo de Tarso, “uma personalidade complexa e conflituosa levou a especulação sobre seu caráter, seus pensamentos e crenças, atos e dúvidas e até mesmo de sua aparência” (Roetzel, 1999, p. 15). Talvez, ele fosse um “judeu marginal”, já que a marginalidade sugere um centro a partir do qual se pode traçar uma periferia. Paulo nasceu na cidade de Tarso, uma importante cidade helenizada, com uma grande comunidade judaica, porém, a província da Cilícia não era o grande centro político do Império Romano. Sua cidadania romana pode ser entendida indiretamente por meio de suas cartas. Mas, podemos deduzir que ele fosse um pregador apocalíptico que acreditava no retorno de Cristo para o seu tempo presente. Como fontes, temos principalmente as referências conhecidas de Paulo ao seu passado, antes e depois das relações em sua vida, além disso, numerosas indicações menores que se referem ao significado do seu chamado apostólico (Hengel; Schwemer, 1997, p. 90).

Nossa análise se dá pela via da compreensão, já que entendemos que a mensagem paulina foi pregada, com toda a sua convicção e paixão, durante os anos dos imperadores Cláudio (41 d.C.-54 d.C) e Nero (54 d.C.-68 d.C), tendo atingido a sua maior extensão nesse momento. Estendia-se do Reno e do Danúbio, no norte da Europa, até as montanhas Atlas no Marrocos e o deserto do Saara, surgindo da costa do Atlântico a Ocidente até o caminho do Eufrates no Oriente.

Os romanos conheciam bem as terras distantes, a Bretanha, a Germânia, além do Reno, a Mesopotâmia fértil, controlada pelo império Parta, até a Índia, cujos perfumes, especiarias, marfins, gemas, eram enviados para estes

a cada ano. Embora isso não correspondesse à realidade, os romanos também gostavam de pensar que governavam o mundo (Osgood, 2011, p. 60). As pessoas da época explicavam que a ascensão de Roma havia se dado pelo caráter moral, as instituições políticas, o talento militar e a boa sorte do povo romano. O Império Romano estendeu-se muito além do Mediterrâneo. “Entretanto, durante todo o principado, o eixo político e a base cultural do Império davam-se no Mediterrâneo” (Garnsey; Saller, 2014, p.7). Dentro desse contexto, procuramos traçar um panorama de fontes textuais, relacionadas à vida e obra de Paulo de Tarso. Em outras palavras, no que se refere ao contexto paulino como um todo, é salutar reconhecer que “esses depoimentos, são bastante úteis para conhecer o contexto histórico, onde viveu e atuou como apóstolo, oriundo da diáspora” (Barbaglio, 1992, p. 50). Sendo Paulo seu expositor mais famoso, as informações que possuímos a seu respeito, encontram-se, também, no Livro de Atos (datado do final do primeiro século depois de Cristo e início do segundo século depois de Cristo) e em suas epístolas. A teoria crítica aponta que, das treze epístolas atribuídas ao apóstolo, sete são consideradas autênticas. Estas são: Romanos, 1ª e 2ª Coríntios, Gálatas, Filipenses, 1ª Tessalonicenses e Filemon. Notamos que Paulo de Tarso, ou Saulo como era descrito no livro de Atos após a sua mudança repentina de comportamento ou –μετάνοια– transliterado como “Metanoia” e dos próximos passos que Paulo daria como propagador de uma “Boa Nova”. Na narrativa escrita pela pena do “apóstolo dos gentios”, Paulo afirma ser judeu: “Digo, pois: porventura, Deus rejeitou o seu povo? De modo nenhum. Porque eu também sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamin” (Romanos, 2020, 11:01). Deus revela seu filho a fim de que ele leve sua mensagem aos não judeus, ampliando assim o seu público-alvo.

Tal informação é confirmada em outra epístola dedicada à comunidade de Corinto (1ª Cor. 9, 1). Trata-se, na verdade, de Paulo ser um judeu de três mundos.

A despeito de seu carisma e poder retórico, Paulo também simbolizou a agilidade de seu ambiente cultural: a diáspora judaica. Essas informações nos fornecem uma importante chave de leitura sobre Paulo como um personagem de acesso ao cristianismo primitivo, e também do próprio Jesus de Nazaré: ao passo que a produção paulina se caracteriza como um importante vestígio literário do primeiro século depois de Cristo, não conhecemos vestígios de escritos de autoria de Jesus de Nazaré.

Seguindo a lógica do pensamento romano, observamos que a figura do *princeps*, era, na verdade, construída como um ser que possuía características divinas. Os autores do principado faziam uso da expressão “Boas Novas” (em grego εὐαγγέλιον e, no latim, o termo emprestado *euangelium*) para descrever “as ações ou eventos associados com os vários imperadores romanos que haviam ocorrido para o bem-estar do mundo” (Reasoner, 2013, p. 9). Os primeiros seguidores de Jesus de Nazaré, tal como Paulo de Tarso, seguiram esta lógica ao anunciarem a Boa Nova do Cristo ressuscitado em várias cidades do Mediterrâneo romano.

### FRONTEIRAS E IDENTIDADES ÉTNICAS NA EPÍSTOLA AOS ROMANOS

Os estudos sobre fronteiras e identidades no mundo antigo, em especial no leste do Mediterrâneo Romano, ganharam destaque ao enfatizar o personagem histórico Paulo de Tarso. Raça e etnia são conceitos sócio-históricos, ainda assim os questionamos ao se referirem ao mesmo tipo de dinâmicas sociais em contextos antigos e modernos, “que levava a investigação de como esses conceitos foram investigados” (Sechrest, 2010, p. 32). As fronteiras étnicas não representavam barreiras. A manutenção dessas fronteiras entre grupos étnicos não dependia da permanência sem mudança ou interação de suas culturas. As fronteiras étnicas sempre serão manipuladas (Poutignot, 1998, p. 15). A identidade étnica é ainda um fator urgente para a compreensão dos fenômenos constitutivos das “dinâmicas de formação das identidades no mundo greco-romano” (Izidoro, 2010, p. 14). A alteridade étnica foi uma ferramenta comum usada como estereótipo a caluniar aqueles que eram percebidos como ameaças (religiosas, militares e econômicas) no mundo antigo (Byron, 2002, p. 60). Nesse sentido, podemos compreender que as fronteiras e identidades nunca foram monolíticas, mas fluídas. Por isso, devemos compreender que este debate deve ser analisado dentro do âmbito da literatura neotestamentária, em especial das epístolas paulinas.

O conceito de etnicidade permite compreender o desenvolvimento das identidades na história, suas transformações nos diferentes contextos históricos: “A etnicidade é a combinação do aspecto do parentesco, como aquele de costume, a reprodução dos rituais ancestrais. Tal combinação é o sentido que criava a identidade judaica das cidades do Mediterrâneo no período helenístico e romano” (Selvatici, 2002, p. 58).

Sendo assim, buscamos investigar as questões das Fronteiras e das Identidades na epístola aos Romanos. Investigamos a cidade de Roma. No primeiro século da era

comum, “mantinha características como modelo heurístico para a determinação da posição social nas sociedades do Império Romano, propondo uma estrutura básica entre as diferentes camadas sociais” (Stegemann; Stegemann, 2004, p. 48). O mundo romano era um império étnico e multifacetado. Com diversas etnias e diferentes culturas que estavam presentes em todo o seu contexto, já que as epístolas paulinas precisam de uma leitura política a contrapelo. A conversão dos gentios ao cristianismo, do mesmo modo, é um dos principais termos abordados nas epístolas paulinas (Silva; Funari, 2021, p.146). A importância do contexto social para a teologia se combinou com outros fatores do pensamento moderno, para enfatizar a importância do contexto cultural. “Na missão e na teologia paulina, o fator cultural foi extremamente importante em nenhum outro lugar, tanto quanto na epístola aos Romanos” (Campbell, 1991, p.2). Os primeiros cristãos em Roma estavam concentrados nas mesmas regiões em que os judeus, ambos os grupos residiam em áreas onde os povos estrangeiros se aglomeravam. A sobreposição de concentrações judaicas e cristãs, em “Roma eram facilmente explicáveis pelo que o cristianismo primitivo desenvolveu-se em Roma” (Walters, 1993, p. 70). Na Antiguidade Clássica até o século I d.C., não há tantas evidências sobre a escrita de cartas (Kerr, 2016, p.1136). As epístolas no mundo antigo pareciam ter funcionado para diversos propósitos, como pode se verificar nas missivas paulinas (Porter, 2016, p. 159). A respeito da documentação epistolar, ademais tem-se reconhecido que:

Na Antiguidade clássica, até o primeiro século depois de Cristo, há uma escassez de documentos escritos que chegaram até nós. As epístolas estão entre esses documentos. É importante ressaltar que os modelos eram semelhantes tanto em autores cristãos como em autores pagãos, porém o ato de escrever epístolas era algo de natureza do cristianismo, que se transformou em um movimento de cartas (Stowers, 1986, p.,40).

A epístola aos Romanos foi, talvez, a última epístola escrita por Paulo, ou ditada por ele, pois era muito comum ter um amanuense, enquanto o autor ditava (Bruce 1996, p.80). Neste sentido, compreendemos as relações de apresentação a esta comunidade:

Paulo, escravo de Cristo Jesus, chamado apóstolo destacado para a Boa Nova de Deus que Ele prometera através de seus profetas em Santas Escrituras, a respeito do Seu Filho, nascido na semente de Davi, segundo a carne constituindo o Filho de Deus em poder, segundo um espírito de santidade, a partir da ressurreição dos



Mortos, Jesus Senhor Nosso através de quem recebemos a graça e o apostolado para a obediência da fé entre todas as nações em prol do seu nome, entre os quais estavam em todos os amados de Deus que estais em Roma, chamado de Jesus Cristo: graça e paz para vós, da parte de Deus, nosso pai e do Senhor Jesus (Romanos, 2020, 1:1-7).

Nesse excerto, Paulo se apresenta como *doulos* ou escravo de Cristo, já que este acreditava que fora escolhido pelo próprio Deus, trazendo as “Boas Novas” do seu evangelho (Martin, 1999). Paulo insistia que era um apóstolo, “Apóstolo”, transliterado de uma palavra grega significa alguém comissionado por alguém para alguma missão (Malina; Pilch, 2003, p.12). Logo, Paulo se transformava em um agente de mudanças. Paulo teria escrito essa carta de acordo com sua própria declaração, no décimo quinto capítulo, naquele momento muito significativo, quando teria terminado seu empreendimento missionário na metade oriental do Império Romano. Primeiro, como ele mesmo escreve, era imperativo que ele levasse até Jerusalém a oferta cuidadosamente coletada em suas congregações. Para tal viagem, que ele esperava com muita hesitação e alguma preocupação, o apóstolo implorava pela oração dos cristãos que estavam ali presentes. A respeito da linguagem utilizada em Romanos 1, 1-2, Bryant (2016) levanta a hipótese de que as primeiras recepções desta epístola dedicada à *Ekklesia* de Roma haviam servido como um discurso profético ou um discurso de protesto de como a lei romana seria utilizada como domínio dos escravos como objetos.

Em Roma, na cidade, havia uma comunidade religiosa multifacetada pois neles estavam incluídos judeus, gentios e os chamados “Tementes a Deus”. Portanto, essa referência tem sido utilizada como fruto de *amnanese*, ou seja, Paulo ao escrever esta comunidade, deixa bem claro seu comportamento.

Para Roma, “o resultado da identidade étnica demonstrava inclusive sua preservação e o domínio das práticas e de suas virtudes divinas” (Holdsworth, 2009, p. 90).

Uma leitura atenta da epístola aos Romanos possibilita-nos uma interpretação pelo viés dos conflitos étnicos, “tanto pelos sinais que ele apresenta na carta, onde estes subgrupos que Paulo tenta reunir sob uma identidade comum e abrangente são étnicos por natureza, quanto porque é um problema urgente no mundo contemporâneo daquela época” (Esler, 2003, p. 65).



Esses antigos grupos étnicos, tais como os judeus, eram afiliados por uma divindade ou um conjunto de divindades. Segundo Hodge (2007, p. 80), estas eram práticas de adorações específicas, sinalizando a adesão a grupos étnicos distintos. Ao realizarmos uma leitura política para a compreensão da dinastia Júlio-Claudiana, percebemos que há uma clara oposição entre o chamado “Reino de Deus” e o “Reino de César”, e isso nos auxilia na compreensão desta oposição. Para David R. Wallace (2008, p. 50), a epístola aos Romanos chegava ao centro da ordem imperial tendo como objetivo contrapor a Eneida de Virgílio. Esta não possuía apenas uma mensagem de cunho teológico, como vários pesquisadores acreditavam. As “Boas Novas” paulinas tinham também um objetivo político. Para impor-se aos demais povos, Roma desenvolveu o ideal da “*Pax Romana*”, como um recurso ideológico e coercitivo que levava os povos dominados à convicção de que esta era a única forma de se manterem em paz (Vieira, 2015, p.70). Essa missiva representou um legado teológico expresso a disposição da comunidade, por condutas permanentes, quanto às condutas cristãs frente ao mundo grego e latino do Império Romano. Logo, podemos entender as relações entre as construções étnicas na epístola aos romanos:

Não quero que ignoreis, irmãos, muitas vezes tive a intenção de ir encontrar convosco (e fui impedido até agora), para obter algum fruto, seja entre vós, seja entre os restantes dos gentios. A gregos e bárbaros, a sábios e ignorantes, eu sou devedor, de tal ordem é o meu empenho em anunciar a Boa nova em Roma. Pois eu não me envergonho da Boa Nova, já que é poder de Deus para a salvação [destinada] a todo o crente: judeu, primeiro depois [grego] (Romanos, 2020, 1:13-17).

Paulo, nunca usou o termo cristão em suas cartas. E é bem-sabido que na época de Paulo, não existia em um sentido formal e institucional referente aos seguidores de Jesus. “Em vez disso, os seguidores de Cristo, ainda se identificavam em termos israelitas ou judaicos com base na afiliação à aliança com o único Deus que criou todo um povo, a partir dos descendentes de Abraão” (Nanos, 2018, p.30).

Nesse sentido, o autor citado acima parece ter razão quando aponta que, de início, a “pregação paulina” tinha uma origem bem definida, mas *a posteriori* amplia o enfoque dos chamados escolhidos ou os “povos”, que o transformava em ‘apóstolo dos gentios’. Paulo, ao escrever sua carta, deixa bem claro seu comportamento.

O apóstolo dos gentios se apresenta como um intermediador dessa comunidade, já que era de conhecimento dele de que esta *ekklēsia* fora composta também por judeus de diáspora (de fala grega), como também pelos “Tementes a Deus”, gentios que frequentavam determinados setores das sinagogas e até mesmo do Templo. Assim, a importância da cultura, “incluindo as práticas religiosas como características das identidades étnicas era relativizada nessa abordagem” (Haugh, 2013, p. 55). No mundo antigo, a etnicidade era difundida, embora a nacionalidade, em um sentido político, fosse algo raro (Hutchinson; Smith, 1996, p. 40). Entretanto, sabemos que o ‘apóstolo das gentes’ usara de uma retórica própria de sua cultura e de sua época. Paulo em todas suas epístolas, mostrava-se zeloso pela Lei de Moisés. A valorização da diversidade humana não poderia ser desenhada da eclosão das reivindicações do reconhecimento do valor de identidades sociais e, portanto, da contestação dos conceitos de cultura monolítica e homogênea (Funari, 2010, p. 11). A interação entre os aspectos da cultura judaica, grega e romana incluíam também a diversidade linguística, “já que se encontra em jogo, com a consciência da singularidade, das respectivas tradições e línguas expressamente claras” (Ehresperger, 2013, p. 80). Logo, é possível observar que essa miscelânea de culturas presente nessas “comunidades cristãs” fundadas por Paulo, eram híbridas, muitas vezes assimilavam o que eram características uma das outras. Ou seja, possuíam identidades fluidas, como ocorrem com indivíduos e agrupamentos humanos. Neste sentido, observa-se que Paulo de Tarso vivia em um império romano (centrado na figura de um imperador) e no caso do “apóstolo dos gentios” foram os governantes Cláudio (41 d.C. a 54 d.C) e Nero (54 d.C. -68 d.C), em um contexto multifacetado em termos étnicos, ou seja, os judaísmos e os helenismos precisam ser lidos dentro de um ambiente polimórfico. Quando tratamos da bacia do Mediterrâneo, tratamos de diferentes grupos étnicos que interagem e se expressavam com uma determinada fluidez, em especial, quando estes três segmentos se encontravam. Todavia, nesse trabalho enfatizaremos que o grande objetivo de Saulo ou Paulo é tratar com mais intensidade da identidade judaica presente nessa epístola.

Todas as epístolas de autoria paulina trazem sua identidade bem construída. O ministério apostólico de Paulo era sua maneira de ser judeu. “Estava associado a uma postura provocativa, controversa e escandalosa. De fato, gerou conflitos marcando sua identidade judaica” (Windsor, 2012, p. 60). Logo, estas relações e discursos identitários são construídos seguindo sempre uma lógica de negociações desta *ekklēsia*:

Aqueles que erraram sem a Lei, perecerão também sem a Lei, aqueles que erraram na Lei serão julgados pela Lei. Pois não são ouvintes da Lei, os justos junto de Deus, mas os praticantes de Deus se tornarão justos. Pois quando os gentios não tendo a lei, praticam intuitivamente a Lei que se tornarão justos. Pois quando os gentios, não tendo a lei, praticam intuitivamente as coisas da Lei, são Leis para si mesmos. Aqueles que mostram a obra da Lei escrita em seus corações, sendo testemunha a consciência deles estando os pensamentos dentro deles e acusando-os e defendê-los[...] Mas se tu és chamado judeu e te apoias na lei e te vanglorias em Deus e conhece a [sua] vontade e aprova as coisas de valor, instruindo-os a partir da Lei e persuadiste que és guia de cegos, luz dos que estão na escuridão, educador de insensatos, mestre de simples, tendo a forma do conhecimento e da verdade na lei. Por conseguinte, tu que ensinas outros não te ensinas a si mesmo? Tu proclamas, não roubar? Roubas? Tu que dizes, não ao adultério, és adúltero? Tu, que abominas os ídolos, roubas os templos dos [idolatrás]? Tu que te vanglorias na Lei, é através da transgressão da lei que desonra a Deus? Pois o nome de Deus é por vós objeto de blasfêmia no meio dos gentios tal como ficou escrito, Pois se tal circuncisão é proveitosa se praticares a Lei. Se fores transgressor da Lei, a tua circuncisão, tornou-se incircuncisão. Se a incircuncisão observar os preceitos da Lei, não se considerara o prepúcio dele como a circuncisão? E a incircuncisão física que observa a Lei a julgar que pela letra da [lei] pela circuncisão és transgressor da Lei. Pois não é judeu, quem o é na aparência, nem é circuncisão a que se vê na carne, mas é judeu é quem o no [seu] íntimo e a circuncisão do coração [acontece] em espírito e na Lei [da Lei]; a esse [circunciso a quem pertence] o louvor, não dos homens, mas sim de Deus (Romanos, 2020, 2:12-29)

Neste excerto, Paulo mais uma vez reforça sua identidade judaica. Afinal de contas, existe uma relação entre as grandes diferenciações entre judeus (marcados pela circuncisão) e pelos gentios. Cada componente da mensagem paulina em Romanos, é mais ou menos afetado pela estrutura mais ampla de sua epístola. Para Thorsteinsson (2003, p. 10), a própria identidade judaica da Diáspora de Paulo, como apresentada em Romanos, e sua escolha com suas formas literárias específicas transparecem nessa carta.

O anúncio do Evangelho na capital do Império permitia a difusão por pessoas anônimas, “o judaísmo nesse sentido, era matriz do cristianismo nas *ekklēsia* na cidade de Roma e em outras regiões próximas” (Penna, 2015, p. 25). Um fator significativo é a mudança para um novo interlocutor.

Para Chevitarese e Cornelli (2021, p.100), tratar desses temas de forma monolítica é um equívoco, pois estamos diante de grupos sociais que interagiam nesse tempo. Para Denise Kimber Buell (2005, p. 21-66), “esta justaposição de fluidez e fixidez permitiu aos primeiros cristãos usar um raciocínio étnico para realizar reivindicações universalizantes, argumentando que todos poderiam e deveriam se tornar cristãos”. No momento em que elas interagiam, elas eram caracterizadas por sistemas abertos, estabelecendo-se assim negociações e trocas até determinado ponto. Essas dinâmicas se aplicavam também em diferentes grupos étnicos, entre judeus, cristãos e helenistas.

Nesse sentido, Paulo era um cidadão de três mundos, Ele tecia elementos sociais distintos, em especial sob os grupos étnicos em conflitos. De acordo com Donald Horowitz (1985, p. 60), a distinção entre esses grupos sociais se encontrava na prática. Há evidências de que este desempenho social, ou de acordo com um determinado status social, poderia ser reconhecido, de certa forma, como uma qualificação ou mesmo uma mudança em sua identidade (Campbell, 2013). Se Paulo fosse interpretado como tendo definido a religiosidade como algo distinto das identificações étnico-raciais, depois que estas práticas das estruturas cristãs, “que poderiam contribuir como uma violação das práticas ideais que eram universais e universalistas e igualitárias inerentes ao cristianismo primitivo (Buell; Hodge, 2004, p. 237). Ou seja, podemos compreender que estes diferentes grupos étnicos poderiam dividir diversas combinações de categorias incluindo as tradições culturais e práticas religiosas (Dyck, 2002, p. 92). Dados esses detalhes, Paulo busca exemplificar que a circuncisão não era a única marca que confirmava ser judeu ou não. Wan (2008, p. 60), considera que em Romanos, Paulo tenta construir a etnia judaica subvertendo a redefinição das categorias étnicas predominantes utilizadas pelo público romano e ao contrário de sua sabedoria convencional. Ao focar na circuncisão, como um símbolo central do judaísmo, Paulo define o judaísmo em termos exclusivos do corpo masculino, como está na lei mosaica. As forças políticas imperiais influenciavam a construção da identidade étnica e exacerbaram as tensões entre grupos étnicos no mundo romano (Elliott, 2006, p.70).

Tendo observado essas duas postulações propostas tanto por Wan como Elliott, deduz-se que ambos os autores estão de acordo que a leitura que deve ser feita da epístola aos romanos seria uma leitura a contrapelo, considerando o ambiente social, político e étnico em que Paulo de Tarso viveu. Logo, devemos ter

em mente que o ‘apóstolo dos gentios’ insiste nessa nova realidade em que ele procura construir diante de seus leitores e ouvintes:

Qual é então a superioridade do judeu? Ou qual é o benefício da circuncisão? [O benefício] é muito, de qualquer ponto de vista. Primeiramente, porque aos [judeus] foram confiadas as palavras de Deus. O que se alguns não creram, por ventura a sua falta anula a fé de Deus? De forma alguma! Que Deus se torne verdadeiro e todo homem que ficou mentiroso, tal como ficou escrito. [...] Se a nossa injustiça mostra a justiça de Deus, que diremos? Será que Deus infligindo a ira, é injusto, (falo a maneira humana). De outra forma como Deus julgara o mundo? Se a verdade de Deus abundou em minha mentira para a glória D’Ele? Porque razão ainda sou julgado como pecador? E não se [trata de dizer], como nos caluniam e como alguns dissemos, façamos coisas, más para que venham as boas, não? A condenação é deles. Qual é portanto, a situação? Somos superiores? Não em absoluto, pois acusamos tanto judeus como gregos, de estarem sob o erro[...] Não existe quem procura Deus (Romanos, 2020, 3:1-12).

Nesse ponto, ao longo do terceiro capítulo da epístola aos romanos, o “Apóstolo das Gentes” procurou fazer alusões sobre a suposta superioridade judaica, já que está era marcada pela circuncisão, este que era o símbolo máximo do judaísmo. Ou seja, demonstrava uma fluidez em suas identidades que não eram únicas. De acordo com Freed (2005, p. 40), como as ideias de Paulo sobre os convertidos se tornarem novas criaturas são em grande medida uma questão de experiência pessoal, havia uma dimensão múltipla na comunidade. Neste sentido, Paulo seria o filho da apocalíptica judaica. Dentro destas inúmeras outras características, possuía aquela de apostar em uma intervenção divina (Vasconcellos; Funari, 2013, p.50). Logo, podemos compreender que as relações com as múltiplas identidades que existiam entre os leitores ouvintes da epístola aos romanos:

Que diremos então que Abraão, nosso antepassado, segundo a carne, descobriu? Pois se Abraão foi tornado justo a partir de obras, tem [motivo de] vanglória mas não relativamente a Deus. Abraão teve fé em Deus e [isso foi] lhe contado para [sua] justiça. Aquele que realiza obras da[lei], a recompensa não lhe é creditada como dádiva, mas sim como dívida; aquele por outro lado, que não realiza obras, mas tem fé naquele que torna justo o ímpio, a fé desse é creditada para sua justiça. [...] Está bem bem-aventurança, [diz respeito] a circuncisão ou a incircuncisão? Dizemos pois: foi creditada a Abraão a fé para [sua] justiça. Como foi creditada? Sendo ele circunciso ou incircunciso? Não foi bem em circuncisão, mas sim em incircuncisão. E recebeu um sinal de

circuncisão, como selo de justiça [que ele tivera estando ainda] na incircuncisão, para aqueles que lhes fossem pai de todos, os que tem fé através de incircuncisão, para que a justiça lhes fosse creditada, e [para o pai] da circuncisão [o fosse] não só para os circuncisos, mas também os que caminham nas pegadas da fé [presente] em incircuncisão, [fé] do nosso pai Abraão (Romanos, 2020, 4:1-12).

Esse excerto trata de outra questão, já muito debatida no estudo entre as Fronteiras e Identidades, em especial nas narrativas textuais cristãs, assim como nas epístolas paulinas. Abraão como “pai” dos judeus e dos gentios transforma-se em um símbolo para os circuncidados e os incircuncisos (Machado, 2010, p. 55).

Podemos entender que na epístola aos Romanos, as relações de identidades são híbridas e fluídas, ou seja, partindo da aceitação da fé no Cristo, todos tornavam-se descendentes de Abraão, mesmo não possuindo nenhuma relação étnica com ele. Paulo iria, pois, reivindicar para si certo tipo de autoridade, ao mesmo tempo que estavam presentes diversos elementos metafóricos a respeito de diversos elementos sociais:

Tornados justos, por conseguinte, a partir da fé, temos paz em relação a Deus em nosso Senhor Jesus Cristo, através do qual tivemos acesso pela fé a essa graça que estabelecemos e nos gloriamos mediante uma esperança da glória de Deus. Mas não só, também nos gloriamos nas aflições, sabendo que a aflição produz perseverança, e a perseverança por seu lado, prova de [caráter] e de esperança. A esperança não envergonha, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações através de um espírito santo que nos foi dado (Romanos, 2020, 5:1-6).

No momento em que eles interagiam, eram caracterizadas por sistemas abertos estabelecendo-se assim em negociações e trocas até determinado ponto. Essas dinâmicas se aplicavam também em diferentes grupos étnicos, entre judeus, cristãos e helenistas. A mensagem de Paulo era obviamente nova em outro sentido, pois não tratava simplesmente da substituição de um poder político por outro (Wright, 2018). Ao final, notamos nestas reflexões que o diálogo paulino tratava de questões importantes e não meramente especulações teológicas, filosóficas ou mesmo no campo político-social.

Todas as respectivas categorias sociais aqui descritas nos dão indícios de que a comunidade de Roma era estratificada. Logo, percebe-se que ele apresenta bons indícios de como esta comunidade funcionava:



Não recebeste um espírito de escravidão para temerdes de novo, mas recebeste um espírito de adoção, enquanto filhos, nos quais gritamos, Abbá Ó Pai! O próprio espírito testemunha que com o nosso espírito, que somos filhos de Deus. Ora se [somos] filhos, [somos] também herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo, ou de fato, sofremos junto com ele, para que sejamos glorificados juntos. Pois eu considero, que os sofrimentos, do tempo presente não são comparáveis à glória que prestes a estão nos ser revelada. A expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois a futilidade foi sujeita também a criação, não voluntariamente, mas por causa de quem sujeitou, na esperança de que a própria criação venha ser liberta da escravidão, da corrupção para [chegar à liberdade] da glória dos filhos de Deus. Pois sabemos, que toda a criação geme e sofre junto em trabalho de parto até agora. E não é só isso, mas nós próprios detentores das primícias do espírito, também nós gememos em nós mesmos, aguardando a adoção como filhos e a redenção do nosso corpo (Romanos, 2020, 8, 15-24).

E seu grande propósito era chegar à parte ocidental do Império, em especial a província da Hispânia. Neste mesmo material, não fica muito claro o porquê desse objetivo, ou se ele realmente chegou até essa região.

Para Royce (1982, p. 40), o subjetivismo é muito útil nessas integrações étnicas, com interações diversas. Logo, suas identidades eram afirmadas dentro do seu contexto judaico, de suas controvérsias e suas implicações (Elliott, 2024, p. 60). Dessa forma, podemos compreender as relações entre fronteiras e identidades:

Não é que a palavra de Deus tenha falhado. Pois nem todos os [que são] de Israel[são] de Israel. Nem porque são sementes de Abraão [são] todos filhos, mas em Isaque será nomeada a tua semente. Isto é: não são filhos da carne [que são filhos de Deus], mas os filhos da promessa [é] serão considerados como semente. Pois a palavra da promessa [é] esta: neste tempo oportuno eu virei para Sara haverá um filho. Não somente [Sara], mas também Rebeca, tendo relações sexuais só com um homem, Isaque nosso pai. Ainda os filhos não tinham nascido, nem nada de bom ou de mau tinha conhecido, para com a intenção de Deus a respeito da escolha permanecesse, não a partir das obras, mas a partir de Quem chama, foi lhe dito que o mais velho será escravo do mais novo, tal como ficou escrito: amei Jacó e odiei Esaú (Romanos, 2020, 9:6-13).

Nesta perspectiva, o apóstolo dos gentios continua utilizando sua fronteira híbrida, ao compreender que nesta metáfora utilizada por Paulo, se dá que o autor destaca que nem todos os chamados judeus seriam descendentes de Abraão da



mesma forma que os gentios podem ser enxertados dentro de uma mesma raiz. Defende a eleição de um “Israel étnico” apesar de sua infidelidade (Cranford, 1993, p.60).

Ele distingue, nesses versos, um Israel escolhido e outro mais amplo, mas essa distinção é interna ao Israel eleito. É importante enfatizarmos que a etnia ou a identidade étnica nessa perspectiva, é uma atividade mais distributiva, designada, móvel e variável. O que importa é como os demais participantes categorizavam e adotavam uma perspectiva do seu pertencimento (Harland, 2009, p.85). Por outro lado, exploravam-se as implicações e ramificações do seu evangelho. Embora Paulo não fosse um revolucionário político ou reformador social, seu evangelho não é só espiritual ou dualista, no sentido em que ele nega a participação nesse mundo (Kim, 2014, p. 40). A ênfase da hibridação, ademais, põe em evidência o risco de delimitar identidades locais (Canclini, 1998, p.20) que tentam afirmar-se como radicalmente opostas à da sociedade nacional. Dá ênfase ao fato de como pode ser construída uma identidade sem cair no engano de ocorrer no etnocentrismo ou mesmo no racismo (Boyarin, 1994, p. 30). Por conseguinte, as fronteiras e as identidades são marcadas na epístola aos romanos da seguinte forma:

Falo para vós, os gentios: na medida em que sou apóstolo dos gentios, enalteço meu ministério, para [provocar]eventualmente ciúme da minha carne e salvar alguns deles. Pois se a rejeição deles é a [reconciliação]de um mundo, o[que será a sua] aceitação, senão [vinda] dos mortos? Se as primícias são santas, também a massa [será]. E se a raiz é santa, também os ramos também serão. Se, porém, alguns ramos foram cortados, tu sendo oliveira brava, foste enxertado entre outros e se tornaste participante da raiz e da seiva da oliveira. Não te vanglories daqueles ramos. E se vanglories, não és tu quem sustenta a raiz. [...]Não seja soberbo, mas tenha receio. Pois se Deus não poupou os ramos naturais não poupará a ti. Por conseguinte, contempla a bondade e severidade de Deus. Para os que caíram, severidade; para contigo, bondade de Deus, desde que permaneça na bondade. Se não, tu também serás cortado (Romanos, 2020, 11:13-17).

Paulo de Tarso deixou bem claro que seus leitores ouvintes, seu público, não é apenas judeu, mas também composto de gentios e os chamados “Tementes a Deus”. As questões cruciais para a compreensão da epístola paulina, no entanto, tem a ver com a identidade, o caráter e suas circunstâncias como aquelas que os destinatários desta epístola deveriam ser judeus (Longenecker, 2008, p,

50), pois Paulo não teria escrito aos cristãos gentios dessa forma. Para Neutel (2008, p. 35), a unidade étnica é um fator presente em diversas contemporâneas, enfatizando a harmonia entre todos os povos, como parte de uma comunidade ideal ou cosmopolita.

Sian Jones (1997) trata dessa questão focando, “na natureza da etnicidade e suas relações com os diversos tipos de cultura material”. Por outro lado, os prosélitos ou “Tementes a Deus” não alcançavam o mesmo status dos que tinham nascido judeus (Das, 2005, p.10). Assim, uma abordagem construcionista de uma identidade étnica, como um processo dinâmico e situacional, indica interação social (Mbevi, 2014). Paulo teria concebido uma identidade própria, próximas daqueles bem conectados com a história sagrada de Israel e suas ligações com as raízes messiânicas no primeiro século da Era Comum (Bird, 2016, p. 50). Logo, podemos concluir que o apóstolo dos gentios era também responsável por uma mensagem anti-imperialista no Império Romano:

Que toda a pessoa submeta às autoridades superiores. Pois não existe autoridade a não ser sob a [ordem] de Deus e as que existem foram estabelecidas por Deus. De modo a quem resiste à autoridade opõem-se a ordem de Deus e os que se opõem receberão a condenação. Pois os detentores do poder, não são [motivo de] medo para a boa obra, mas sim para a má. Queres não ter medo da autoridade? Faz os bem e os receberá os seus elogios. Pois ela é servidora de Deus para te incitar o bem. [...] Pois não é em vão que ele traz a espada. Ela é servidora [e] vingadora até [a] ira para aquele que pratica o mal. É por isso, que é necessário submeter-se, não só por causa da ira, mas também por conta da consciência. É também, pois a razão que pagais impostos. São funcionários de Deus que se ocupam disso. Pagaí a todos as dívidas, a quem se deve o imposto, o imposto a quem se deve a taxa, a taxa; a quem se deve o medo, a quem se deve honra, a honra (Romanos, 2020, 13:1-7)

Logo no trecho proposto por Paulo de Tarso, nota-se uma relação de negociação entre os membros desta *ekklēsia*, com outras comunidades ou associações religiosas que existiram por todo o Império Romano, em especial no governo de Nero, com uma mensagem que possuía um viés anti-imperialista. No final de sua epístola, Paulo busca apresentar as devidas saudações aos seus leitores-ouvintes:

Saudai Prisca e Aquila, meus colaboradores em Cristo Jesus, eles que pela minha vida, expuseram o pescoço, a quem não sou apenas eu a estar lhes agradecido, mas todas as congregações dos

gentios, [e] saudai também a congregação que se reúne na casa deles. Saudai também meu irmão Epêneto, ele é o primeiro fruto da Ásia para Cristo. Saudai Andrônico e Júnia, meus concidadãos e meus companheiros de prisão, que tão notáveis são entre os apóstolos e que já estais em Cristo antes de mim (Romanos, 2020, 16: 3-7).

De toda a forma, ao analisarmos a epístola aos Romanos, de uma maneira geral, os dados apresentados mostram que está *ekklēsia*, possuía diversas hierarquias sociais, logo existiam indivíduos que eram judeus, gregos e cristãos, ao mesmo tempo. Os conflitos sociais eram evidentes, em particular quando essa comunidade recebia diversas mensagens diferentes neste contexto.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conduzimos a presente reflexão com o objetivo de compreender as Fronteiras e Identidades na epístola aos Romanos. Paulo de Tarso não é um tema a ser explorado apenas pelo campo da teologia ou das ciências da religião. Nossa hipótese parte do pressuposto de que as epístolas paulinas, em especial a epístola aos romanos, nos dão indícios contundentes de que esse não era o único que se aventurava a falar do Jesus Ressuscitado. Em seu material, observamos o ‘apóstolo dos gentios’ em um confronto constante com diferentes grupos, e que traziam mensagem antagônicas àquelas que eles haviam preparado para os seus. Os dados das epístolas paulinas, em especial do público da “comunidade” de Roma, nos revelam diferentes camadas sociais, que os documentos muitas vezes exortavam-nas no sentido de prezarem por uma unidade de fé multiétnica. Nos leva a pensar também o processo de oposição que viera existir entre a mensagem paulina da apresentação de Jesus como *Kyrios* (Senhor) e *Sōtēr* (Salvador) em oposição aos imperadores da dinastia Julio-Claudiana que se apresentavam como tal.

Afinal de contas, apesar de que todas as evidências da epístola paulina em si aponta que grupos que cultuavam a Jesus enquanto divindade, pelo menos quinze anos após a morte deste, indivíduos que foram expulsos pelo imperador Cláudio da cidade de Roma e acabaram se refugiando com outros membros da mesma fé nascente. Uma missão de caráter delicado, tendo em vista que o fato de Paulo apresentar ao longo de suas epístolas de uma maneira geral, um empréstimo de elementos das culturas judaicas (algo inerente a sua identidade) e greco-romana, aliados a uma vivência dentro da ordem imperial romana.

## REFERÊNCIAS

- ABULAFIA, David. *O Grande Mar: uma história humana do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2014.
- BARBAGLIO, Giuseppe. *São Paulo: o homem do Evangelho*. Tradução de Ephaim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1992.
- BIRD, Michael. *An Anomalous Jew: Paul Among Jews, Greeks and Romans*. Michigan: W.M Eerdmans, 2016.
- BOWMAN, Alan K.; WOOLF, Greg. Cultura escrita e poder no mundo antigo. In: BOWMAN, A. K.; WOOLF, G. *Cultura escrita e poder no mundo antigo* (org.). São Paulo: Ática, 1998. p. 5-15.
- BOYARIN, Daniel. *A radical jew: Paul and the politics of identity*. Los Angeles: University of California, 1994.
- BRUCE, Frederick Fyvie. *Romanos: introdução e comentário* São Paulo: Vozes, 1996.
- BRYANT, K. Edwin. *Paul and the Rise of Slave: Death and Resurrection of the oppressed in the Epistle of the Romans*. Leiden: Brill, 2016.
- BUELL, Denise K. *Why this New Race?: ethnic reasons in the early christianity*. New York: Columbia University, 2005.
- BUELL, Denise K; HODGE, Caroline. J. The politics of interpretation: the rhetoric of race and ethnicity in Paul. *Journal of biblical literature*. Boston, v. 123, n. 2, p. 235-251, 2004. DOI: <https://doi.org/10.2307/3267944>.
- BYRON, Gay L. *Symbolic Blackness and Ethnic Difference in Early Christian Literature*. London: Routledge 2002.
- CAMPBELL, William S. *Paul's Gospel in an Intercultural Context*. Oxford: Oxford University, 1991.
- CAMPBELL, William S. *Romanos: a social identity commentary*. New York: T&T Clark, 2013.
- CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa, Heloísa Pezza Cintrão e Gênese Andrade. São Paulo: Edusp, 1998.

CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabrielli (org.) *Judaísmo, Cristianismo e Helenismo: ensaios acerca das interações culturais no mediterrâneo antigo*. São Paulo: Annablume, 2021.

CRANFORD, Michael. Election and Ethnicity: Paul's Views of Israel in Romans: 9:1-13. *Journal of New Testament*, California, v. 15, n. 50, p. 15-27, 1993. DOI: <https://doi.org/10.1177/0142064X9301505003>.

DAS, Andrew A. *Solving the Romans Debate*. Oxford: Oxford University, 2005.

DYCK, Jonathan E. The Ideology of Identity in Chronicles. In: BRETT, Mark.G (ed.). *Ethnicity and the Bible*. Leiden: Brill, 2002. p. 89-116.

EHRESPENGER, Kathy. *Paul and the Crossroads of Cultures: theologizing in the Space*. New York: T&T Clark, 2013.

ELLIOTT, Neil. *A Arrogância das Nações: a Carta aos Romanos à Sombra do Império*. São Paulo: Ed. Paulus, 2006.

ELLIOTT, Neil. *Paul the Jew under Roman Rule: collected essays*. Eugene: Cascade Books, 2024.

ESLER, Phillip F. *Conflict and Identity in Romans. The Social Setting of Paul's Letter*. Minneapolis: Fortress Press, 2003.

FOX, Robert Lane Cultura Escrita e Poder nos Primórdios dos Cristianismos: In: BOWMAN, A. K.; WOOLF, G. *Cultura escrita e poder no mundo antigo* (org.). São Paulo: Ática, 1998. p.115-140.

FREED, Edwin D. *The Apostle Paul and His Letters*. Oxford: Oxford University, 2005.

FUNARI, Pedro.Paulo Abreu; COLLINS, John.J. (org.). *Identidades fluidas no judaísmo antigo e no cristianismo primitivo*. São Paulo: Annablume/ FAFESP, 2010. p. 3-8.

GARNSEY, Peter; SALLER, Richard *The Roman Empire: economy, society and culture*. 2.ed. Londres: Bloomsbury, 2014.

HARLAND, Phillip A. *Dynamics of identity in the world of the early christians*. New York: T&T Clark, 2009.

HAUGH, Dennis *Addressing Romans Jews: Paul's Views of Law in the Letters of Romans*. Thesis (Ph.D. in Religious Studies) - University of Denver, Denver, 2013.

HENGEL, Martin; SCHWEMER, Ana Maria *Paul between Damascus and Antioch: the Unknown Years*. Westminster: John Knox, 1997.

HODGE, Caroline Johnson. *If Sons, Then Heirs: a study of kinship and ethnicity in the letters of Paul*. Oxford: Oxford University, 2007.

HOLDSWORTH, Benjamim Evans. *Reading Romans in Rome: a reception of Romans in the Roman context of ethnicity and faith*. Durham: University, 2009.

HOROWITZ, David. *Ethnic Groups in Conflict*. Berkeley: University of California, 1985.

HUTCHINSON, John; SMITH, Anthony D. *Ethnicity Oxford Readers*. Oxford: Oxford University, 1996.

IZIDORO, José Luiz. *Fronteiras e identidades flúidas no cristianismo da Galácia*. 2010. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010.

JONES, Sian. *The archaeology of ethnicity: constructing ideas in the past and present*. London: Routledge, 1997.

KERR, Larissa Lopes Souza Si Uales, bene est, ego ualeo. Algumas concepções do gênero epistolar no mundo greco-romano. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v.45, n.3, p.1133-1146, 2016. DOI: <https://doi.org/10.21165/el.v45i3.757>.

KIM, Yung Suk. *Paul's gospel, empire, race and ethnicity*. Eugene: Oregon Pickwick Publications, 2014.

KOESTER, Helmut *Introdução ao Novo Testamento: história, cultura e religião do período helenístico*. São Paulo: Ed. Paulus, 2005.

LONGENECKER, Richard *Introduction Romans: critical issues in Paul's most famous letter*. Michigan: William B. Eerdmans Publications, 2008.

MACHADO, Jonas. Identidade Paulina em construção: de Saulo Fariseu ao apóstolo Paulo de Jesus Cristo. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto S.; FUNARI, Pedro Paulo Abreu; COLLINS, John J. (org.). *Identidades fluidas no judaísmo antigo e no cristianismo primitivo*. São Paulo: Annablume: FAFESP, 2010. p. 283-330.

MALINA, Bruce J; PILCH, John J. *Social commentary on letters Paul*. Minneapolis: Fortress, 2003

- MARTIN, David. *The Corinthian Body*. New Haven: Yale University Press, 1999.
- MBEVI, Misheck Mutua. *Paul and the ethnicity: a social historical study of romans*. Dissertation (Master of Arts) - North West University, North West, 2014.
- MEEKS, Wayne A. *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo*. São Paulo: Ed Paulinas, 1992.
- NANOS, Mark D. *Reading Romans withing judaism*. London: Oxford University, 2018.
- NEUTEL, Karin. S. *A cosmopolitan ideal: Paul's declaration neither jew or greek, neither slave or free. Not male or female in the context of first century thought*. New York: T&TClark, 2008.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto. *Breve história da origem do cristianismo*. São Paulo: Editora de Aparecida, 2019.
- OSGOOD, Josiah. *Claudius Caesar: image and power in the early power*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- PENNA, Romano. *Carta a Los Romanos: introducción, versión y comentario*. Madrid: Verbo Divino, 2015.
- PORTER, Stanley E. *The Apostle Paul: his life, thought and letters*. Michigan: William B. Erdsman Publishing, 2016.
- POUTIGNOT, Phillip; FENART, Jocelyne. S. *Teorias da Etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrick Barth*. São Paulo: Unesp, 1998.
- REASONER, Martin. *Roman Imperial texts: a sourcebook*. Santo André: FortPress, 2013. DOI: <https://doi.org/10.2307/j.ctt22nm6v4>.
- ROETZEL, Calvin. *Paul a Jew on the margins*. Oxford: Oxford University, 1999.
- ROMANOS. In: BÍBLIA. *Novo Testamento: Apóstolos, Epístolas, Apocalipse*. Traduzido por Frederico Lourenço. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2020.
- ROYCE, Anya Peterson. *Identity: strategies of diversity*. Oxford: Oxford University, 1982.
- SECHREST, Love L. *A Former Jew: Paul and the dialectics of race*. London: T&TClark, 2010.



SELVATICI, Monica. *Tradição judaica, cultura helênica e dinâmica histórica: o cristianismo de Paulo de Tarso em perspectiva*. 2002. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

SILVA, Felipe Noé; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. O Cristianismo e a religiosidade popular. Da Tradição Textual à Arqueologia. *REVER: Revista Estudos da Religião*, Perdizes, v. 21, n. 3, p.143-156, 2021. DOI: <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2021vol21i3a9>.

STEGEMANN, Ekkehardt W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História Social do Protocristianismo*. São Paulo: Ed Paulus, 2004.

STOWERS, Stanley K. *Letter writing in greco-roman antiquity*. London: The Westminster Press, 1986.

THORSTEINSON, Runar. *Paul's interlocutor in romans 2*. Oxford: Oxford University, 2003.

VASCONCELLOS, Pedro Luiz; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Paulo de Tarso: um apóstolo para as Nações*. São Paulo: Ed. Paulus, 2013.

VIEIRA, Mísael Juvenil. *A proeminência da justificação pela fé na teologia de Paulo aos romanos 5,12-21*. 2015. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica, Goiânia, 2015.

WALLACE, David G. *The gospel of God: romans as Paul Aeneid*. Eugene. Oregon: Pickwick Publications, 2008.

WALTERS, James C. *Ethnic issues in Paul's Letters to the Romans*. Oxford University, 1993.

WAN, Sze Kar. *Romans: an introduction and study guide*. Oxford: Oxford University, 2008.

WINDSOR, Lionel James. *Paul and the vocation of Israel: how Paul's jewish identity informs his apostle ministry, with special referencer to romans*. 2013. Thesis (Phd Philosophy) - Durham University, Durham, 2012.

WRIGHT, N. T. *Paul: a biography*. San Francisco: Harper One, 2018.

## NOTA

<sup>1</sup> Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Pós Doutorado em História sob a supervisão do professor Dr. Pedro Paulo Abreu Funari junto ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH/Unicamp). [Orcid: https://orcid.org/0000-0002-1405-2800](https://orcid.org/0000-0002-1405-2800). E-mail: douglascarneiro229@gmail.com.